O PROCESSO DE DERIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DE "SINAIS" EM LIBRAS: UMA ANÁLISE MORFOFONOLÓGICA A PARTIR DO PRIMEIRO DICIONÁRIO DE LIBRAS

THE INTERFERENCE OF THE DERIVATION PROCESS FOR THE FORMATION OF SIGNALS IN LIBRAS: A MORPHOPHONOLOGICAL ANALYSIS FROM THE FIRST LIBRAS DICTIONARY

Carlos Daniel Rego e Silva[1]
[https://orcid.org/0000-0003-1051-418X]

Ediane Silva Lima[2]
[https//orcid.org/0000-0002-4104-9025]
DOI: http://doi.org/10.30612/raido.v15i39.14909

RESUMO: Esta pesquisa propôs expandir os estudos linguísticos da Libras aprofundando-se em dados restritos a essa língua. Tem-se como objetivo observar, a partir do primeiro dicionário, intitulado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino José da Gama (1875), quais sinais serviram de base para o processo de derivação na formação de outras palavras em Libras. Os pressupostos teóricos utilizados foram de Farias;Lima (2015) entre outros. Por meio das análises, verificou-se quais são os possíveis sinais que serviram como base para a formação de novos sinais.

Palavras-Chave: Libras. Derivação. Formação.

ABSTRACT: This research proposed to expand the linguistic studies of Libras by going deeper into data restricted to that language. The objective is: to observe, from the first dictionary, entitled Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos, by Flausino José da Gama (1875), the signs that served as a basis for the derivation process in the formation of other words in Libras. The theoretical assumptions are: Farias; Lima (2015) and others. It was realized what are the possible signs that served as a basis for the formation of new signs.

Keywords: *Libras.* Derivation. Forming.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas acerca da Língua Brasileira de Sinais destacam-se a cada ano, quebrando barreiras estabelecidas pela falta de conhecimento sobre o povo surdo e suas formas de comunicação. Desse modo, os estudos linguísticos dessa língua parecem ultrapassar fronteiras até então restritas às línguas orais.

1 Graduando em Letras-Português, Teresina-Piauí. Universidade Estadual do Piauí (UESPI) / PIBIC/ GELSPI. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3646284914846658

2 Mestra em Letras, Teresina-Piauí. Universidade Estadual do Piauí (UESPI) / PIBIC/ GELSPI. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2636541899890851

É de extrema importância a conscientização da Libras como língua regulamentada no Brasil, tendo em vista que o acesso a essa língua é fundamental no processo de inclusão das comunidades surdas em todo o país. Daí, justifica-se a intensidade de estudos linguísticos e literários acerca da Libras, propiciando, assim, um maior conhecimento dessa língua e dos falantes dessa comunidade minoritária. Além disso, é interessante apontar a necessidade de estudos linguísticos nesse viés como possibilidade de diversificar e intensificar o conhecimento linguístico específico dessa modalidade visual-espacial, visto que, a grande maioria de pesquisas que se tem registro são, em sua maioria, voltadas para a área da educação. Ou seja, é escasso o conhecimento linguístico dessa língua, em especial, no que diz respeito aos estudos morfológicos, sintáticos semânticos e pragmáticos.

Fazendo uma breve reflexão histórica acerca do percurso das línguas de sinais, tem-se como ponto de partida, em termos de dados conhecidos, a LSF[3], e a ASL[4] até a Libras. Contextualizando brevemente, E. Huet veio ao Brasil a convite do imperador Dom Pedro II, com a finalidade de fundar a primeira escola para surdos. Desde então, no percurso histórico traçado por essa língua, é apresentada a formação da Libras, como é conhecida hoje, com origem na França, porém, tendo evoluído e sofrido variações linguísticas, através da relação de seus pares no decorrer dos anos. Um dos meios existentes que podem provar essa variação histórica da língua de sinais são os dicionários e outras produções que apresentam dados da Libras.

Considerado o primeiro dicionário de Libras registrado no Brasil, utilizado como fonte de estudo mais antiga, a "Iconographia dos Signaes dos Surdosmudos", hoje se apresenta como um dado histórico muito importante. Estabelecendo, assim, não somente os aspectos históricos dessa língua, como também uma forma de definição sobre quais elementos linguísticos e/ou gramaticais, possivelmente serviram de base para a formação do léxico dessa língua como é conhecida atualmente.

Esta pesquisa propõe-se discutir a esse respeito, isto é, sobre os processos que permeiam a formação/derivação do léxico dessa língua de sinais e, para tal, foi traçado como objetivo geral verificar, a partir desse primeiro dicionário, os sinais que serviram de base para o processo de derivação na formação de outros sinais. Como objetivos específicos buscou-se analisar, neste material, qual ou quais sinais mudaram, bem como essa mudança auxiliou no processo de formação do léxico dessa língua de sinais; selecionar os sinais de alguns verbos e nomes (substantivos) que têm como base a formação de outros sinais nessa língua; comparar os sinais identificados e selecionados em Gama (187teórico autores como Gama (1875, p. 39); Honora; Frizanco (2009); Capovilla; Raphael e Maurício (2013); Quadros; Karnopp (2004) e Farias; Lima (2015), Diniz (2010). A análise do material e objeto de estudo dessa pesquisa, *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, acontecerá em etapas, as quais serão discutidas no decorrer deste trabalho.

Quanto ao processo de derivação da formação do léxico dessa língua de sinais, foram apresentados novos enfoques para os estudos linguísticos desta área, a fim de trazer dados mais consistentes, tendo em vista o estudo histórico da Libras, como

3 Língua de Sinais Francesa - *(Langue des Signes Française)*

4 Língua de Sinais Americana - *(American Sign Language)*

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

por exemplo, Quadros; Karnopp (2004); Farias; Lima (2015), que puderam elucidar estes temas em suas obras, além de outros autores.

Portanto, foram selecionados sinais-base do primeiro dicionário e comparados com outros sinais de mesmo sentido ou de sentido equivalente em dicionários atuais, os quais puderam constatar que parâmetros mudaram e/ou permaneceram nos sinais analisados. Os resultados desta pesquisa foram considerados relevantes para os estudos linguísticos das línguas de sinais, especialmente, por tratar-se de uma análise de dados históricos da própria língua (Libras), através dos fenômenos linguísticos referentes a ela, ou seja, dos parâmetros, fato em si que justifica, por meio dos dados analisados, ser uma das possíveis formas que auxiliam no processo de formação/derivação dos sinais, tal como ocorrem no processo de formação de palavras de toda e qualquer língua.

2. AS LÍNGUAS DE SINAIS E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Para Fiorin (2013), a linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos. Ela é essencial para a comunicação dos seres humanos e tem maneiras diversas de se manifestar, e, sendo um meio natural de expressão, um fator social, é inerente à evolução humana.

Toda forma de comunicação (língua) possui seus aspectos estruturais dentro de um sistema, que, segundo Fiorin (2013, p. 47), "organiza-se em um conjunto de objetos que têm algum traço comum, segundo determinados princípios, de tal modo que o resultado seja um todo coerente". Assim como há um sistema linguístico na Língua Portuguesa, uma língua oral, o mesmo sistema organizacional existe nas línguas visuais-espaciais, como a Libras, que possui seu próprio sistema linguístico, e, como tal, é reconhecida como língua oficial do Brasil, através da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

No que diz respeito aos estudos das línguas de sinais, em meados de 1960, foram desenvolvidas as primeiras pesquisas linguísticas sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), por William Stokoe (1919-2000). Este pesquisador apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana, afetando diretamente a linguística na época. Stokoe compreendeu que os sinais não eram figuras, mas sim, complexos signos abstratos com estrutura interna intrincada. Esse fato foi essencial para os estudos posteriores, já que, a partir desse momento, os estudos das línguas de sinais passaram a ter maior relevância na área da linguística. Entretanto, o percurso das línguas de sinais teve início séculos antes.

No Brasil, os estudos acerca da Libras iniciaram com a vinda do professor surdo francês E. Huet, que apresentou uma proposta acerca da educação de surdos ao Imperador, e nela continham informações como orçamento destinado para esse fim, o tipo de estrutura e o público (BAGGIO e CASA NOVA, 2017). Em resposta, e em decorrência do convite estendido ao professor, o Imperador Dom Pedro II ofereceu uma escola pequena, situada no centro da então capital, Rio de Janeiro. A origem da Libras está intimamente associada à LSF, tendo em sua formação forte influência dessa língua. Percebe-se esse fenômeno por meio dos dados sobre o ensino ministrado por E. Huet, tendo grande influência no desenvolvimento da Libras.

CC BY NC SA

2.1. LÍNGUAS PRIMAS: LSF, ASL E LIBRAS

Como é sabido, as línguas de sinais não se originam das orais. As línguas de sinais têm sua história e léxico próprios:

> Conhecer uma nova língua representa mais do que apenas se apropriar de um novo instrumento de comunicação. Como a língua é um produto histórico, social e cultural, seu estudo nos remete à análise das experiências, lutas e conquistas da população surda. BAGGIO; CASA NOVA (2017, p. 29)

A LSF, em meados de 1776, foi a primeira língua de sinais a ser estudada no mundo. Enquanto em alguns países, como a Alemanha, aprovavam apenas o método oral como forma de ensino para a comunidade surda, a LSF iniciava seu processo de formação com *Charles-Michel de l'Épée,* primeiro linguista pesquisador do assunto.

Percebe-se que, em alguns casos, apresentaram influências ou traços herdados de outras línguas de sinais, como observados na relação entre a Libras e a LSF, em decorrência do contato do professor surdo francês, E. Huet com os surdos que frequentavam a sua escola, contudo essas línguas apresentam campos semânticos distintos. Desse modo, seus falantes expressam sentenças de maneiras diversas, que vão desde a configuração de mão à expressão facial, mas havendo semelhança de alguns sinais, o que se justifica quanto à variação e evolução próprias de cada língua. Contudo, ao comparar alguns sinais da LSF com a Libras, observa-se o mesmo sinal, como por exemplo:

Tabela 1: Comparação de Línguas Primas

Pensar - Libras	***Penser* - LSF**
	

Fonte: Google Imagens

Na tabela acima, é notado a predominância de todos os parâmetros, ou seja, o sinal de Pensar, em Libras, foi herdado do sinal *Penser,* em LSF. O primeiro serviu como base para a formação do outro, mantendo os mesmos parâmetros, que são chamados de morfemas lexicais, assim como o mesmo significado. Essa influência de outras línguas é facilmente percebida na Língua Portuguesa, como apresentado na tabela a seguir:

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

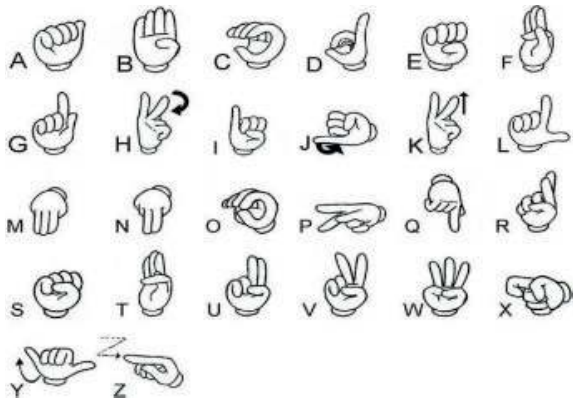
Tabela 2: Palavras originadas em outros idiomas

PALAVRA	IDIOMA DE ORIGEM
Sambódromo	Quimbundo (língua africana) + grego
Mexer	Latim
Abajur	Francês
Blitz	Alemão
Alface	Árabe
Pindaíba	Tupi

Fonte: Ferreira (2014).

Como foi visto, apesar de sofrerem influência de outras línguas, as línguas de sinais, como em qualquer língua natural, apresentam manifestações linguísticas únicas e inerentes aos meios utilizados para exprimir enunciados, manifestações dos seus falantes que se comunicam e fazem uso de variações linguísticas de sua língua, considerando tanto o percurso histórico quanto o social e cultural. Para Farias; Lima (2015), toda manifestação linguística faz parte de um sistema pleno e aberto que é associado a um sentido, que revela a sua cultura e se inter-relaciona com um pensamento que a gera representando, assim, o sistema linguístico. E, ao analisar o primeiro dicionário publicado, encontram-se algumas semelhanças entre essas línguas de sinais, possivelmente pela influência da LSF através de E. Huet. Vejamos os alfabetos manuais:

Tabela 3: Alfabetos Manuais em línguas primas

Alfabeto Manual – Libras	Alfabeto Manual – LSF
	

Fonte: Google Imagem

Por meio da transcrição dos alfabetos manuais, percebe-se, de forma mais clara, a influência recebida pela LSF na Libras. Segundo Silva (2016), a variação lexical está primeiramente relacionada às mudanças das palavras de uma língua para a expressão de diferentes signos linguísticos. Dessa forma, percebe-se que, de fato, alguns sinais da LSF serviram como base para a formação e derivação de novos sinais na Libras, com significado igual ou semelhante. Este processo se deu por meio de influências recebidas do professor E. Huet, entretanto, pontua-se que a Libras não derivou de nenhuma outra língua, seu surgimento foi um recurso natural da humanidade, como forma natural de comunicação.

3. OS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

ANTES DO SURGIMENTO DOS ESTUDOS ACERCA DA LINGUÍSTICA, DESENVOLVIDOS POR Ferdinand de Saussure, havia uma percepção de que a língua seguia o seu curso de forma regular, linear, conforme Farias; Lima (2015). Para Fiorin (2013):

> A linguagem não se destina apenas a perceber o mundo, a categorizar a realidade, a servir de instrumento de interação social, a informar, a influenciar, a exprimir sentimentos e emoções, a criar e a manter laços sociais, a falar da própria linguagem, a ser fonte e lugar de prazer, a forjar uma identidade para o falante, mas é também uma forma de ação. FIORIN (2013, p. 28).

Para esse teórico, a língua não é inerte, ela não se qualifica em espaço preso, mas evolui, se move. No entanto, esse é o objetivo empírico da Linguística. Por isso, pertence, além disso, ao domínio individual e social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos (Saussure, *apud* Fiorin, 2013 p. 46). A língua, como objeto de estudo da linguística, é estudada sob vários aspectos linguísticos: a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática, e é um sistema de signos específicos aos membros de uma dada comunidade. Percebe-se que a linguagem é inerente à vivência e ao aprendizado humano, ou seja, é natural de qualquer pessoa, "respondendo a uma necessidade natural da espécie humana" (FIORIN, 2013, p. 13 e 14). Entretanto, são as relações culturais que definirão as formas nas quais ela será constituída.

Quanto à Libras, sabe-se que as palavras são chamadas de sinais, e que em seus aspectos linguísticos e de formação, se divergem quanto às línguas orais. As línguas de sinais divergem das orais, por usarem o canal visual-espacial, enquanto as orais usam o canal oral-auditivo. Além disso, pontua-se que a língua de sinais é uma língua natural, tendo em vista que surgiu pela necessidade de interação de seus indivíduos, e também, a Libras possui gramática própria e estrutura acentuada.

Para Farias; Lima (2015), deve-se considerar que os vocábulos de uma língua de sinais não se configuram em sinais soletrados do alfabeto manual, mas na formação e uso de palavras que existem em seu léxico. Além disso, estudos linguísticos também apontam a presença de diferentes campos nas línguas de sinais, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Há, inclusive, estudos específicos que relatam cada uma dessas áreas na Libras, explicando a formação e construção de seus parâmetros e sentenças, como o de Farias; Lima (2015).

3.1 OS PARÂMETROS COMO BASE PARA FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO LÉXICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Os parâmetros se classificam em: Configuração de mãos (CM), Ponto de articulação (PA), Movimento (M), Orientação (O) e Expressão Facial/corporal. Para que eles sejam feitos de forma correta, deve-se observar todos esses parâmetros. Para Felipe *apud* Pereira (M. C. C, p. 61, 2013), os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos em um determinado lugar específico. Dessa forma, esses parâmetros são considerados como unidades mínimas de formação dos sinais, tais como os morfemas e fonemas nas línguas orais. Inserida na parte fonológica da Libras, encontramos o parâmetro Configuração de Mãos, o qual, corresponde à forma que as mãos assumem ao produzirem um sinal que, segundo Pereira (2011), pode ser por meio da datilologia

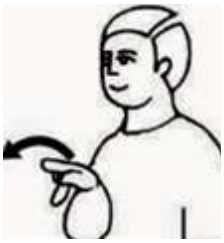
Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

(alfabeto digital/manual), ou outras formas feitas pela mão dominante. Para Felipe (2006), *apud* Lima e Farias (p. 26, 2015):

> Os parâmetros podem: [...] expressar morfemas através de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na freqüência do movimento, de alguns pontos de articulação na estrutura morfológica e de alguma expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal, que, através de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais (FELIPE, 2006, p. 202).

Assim como os demais parâmetros, a CM é de suma importância para a formação e uso de um sinal, sendo fator essencial para expressar o enunciado desejado, além disso, a CM é considerada a base de todo e qualquer sinal. No exemplo a seguir, esta interação está clara: os sinais correspondentes ao significado, em português, para Pedagogia e Professor possuem a mesma configuração de mãos – CM: 'P'

Tabela 4: Representação de CM

PEDAGOGIA	PROFESSOR
	

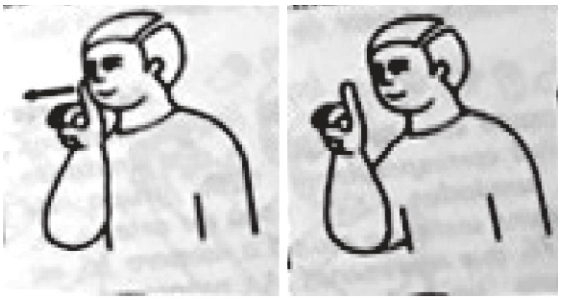
Fonte: Google imagens.

Na tabela acima, a CM (em P), é a base de ambos os sinais, ou seja, o seu radical, enquanto que apenas a CM representa um morfema lexical. Um morfema, por sua vez, não tem valor semântico de uma palavra, apenas a representação de uma letra no alfabeto manual. Para que haja a construção de uma palavra, são acrescidos mais parâmetros, mais morfemas lexicais, como a O, M e o PA. Formando uma palavra dotada de significado, e, dependendo dos parâmetros formadores, há a mudança de significado, como no exemplo acima, em que um sinal tem movimento semicircular e o outro de toque sobre a palma da outra mão.

Seguindo o percurso de estudos dos parâmetros, o ponto de articulação (PA), também é conhecido como localização, ou seja, o local em que a CM toca alguma parte do corpo ou fica localizado no espaço em frente ao corpo do sinalizador, isto é, o espaço neutro. Nos sinais representados a seguir, na tabela 5, tem-se a representação do sinal de dia, que, em alguns estados do país, sofre variação, como acontece com algumas palavras da língua portuguesa.

Tabela 5: Espaço horizontal

ESPAÇO HORIZONTAL

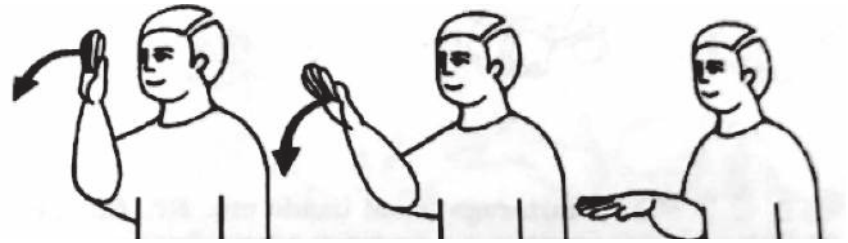


Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2013)

Nesse exemplo, percebe-se que o sinal é realizado do rosto para o espaço neutro, ou seja, o sinal é articulado no rosto do emissor com a O para frente, apresentando um exemplo de sinal que utiliza os dois espaços para sua articulação. Logo abaixo, temos o sinal de "tarde", realizado inteiramente no espaço neutro:

Tabela 6: Espaço neutro

ESPAÇO NEUTRO (TARDE)



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2013)

As línguas de sinais fazem uso das mãos e/ou braços tocando alguma parte do corpo e/ou o espaço em frente e ao redor do corpo do sinalizador. Logo, o PA tanto pode envolver pontos específicos no corpo (cabeça, pescoço, ombros, braços, mãos e tronco) e/ou no espaço neutro. Assim como os demais parâmetros, o PA é fundamental para a construção do significado de um sinal, de tal modo que ao alterar um dado ponto é motivo de mudança de significado.

Já o movimento (M) refere-se ao modo como as mãos se movem para executar os sinais. Uma pequena alteração nele pode mudar o significado do sinal. Segundo Klima e Bellugi (1979), *apud* Baggio (2017), esse parâmetro envolve movimentos internos das mãos ou da mão dominante, do pulso e de direção no espaço até o conjunto de movimentos no mesmo sinal. Em Libras, alguns sinais não possuem movimento, são os chamados sinais estáticos (Baggio 2017). Quando há movimento, podem acontecer nos dedos ou na mão toda. No exemplo a seguir, o movimento consiste no uso de uma das mãos sobre a outra. Um movimento completo.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

Tabela 7: Movimento das mãos

Sinais com Movimento (NOITE)



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2013)

Observemos os movimentos internos das mãos nesse sinal: a mão predominante faz M semicircular na mão de apoio, ou seja, são formas utilizadas para compor a estrutura das palavras em Libras. No exemplo a seguir, todas as palavras possuem movimentação das mãos (por completo), ou apenas de parte delas, como os dedos (PEREIRA, p. 64, 2011).

A orientação das palmas das mãos (O) é a direção em que ela aponta ao produzir a palavra. Este parâmetro está intimamente ligado à produção de novos significados da mesma palavra, e também, é importante ressaltar que, segundo Britto *apud* Pereira, (p. 65, 2011), as direções das mãos podem ser para cima, para baixo, para o corpo, para a esquerda ou para a direita. No exemplo a seguir, percebemos que alguns sinais têm os significados mudados a partir da orientação e do movimento que as mãos tomam, mas mantendo o mesmo PA e CM:

Tabela 8: Tabela de Orientação das Mãos



Fonte: Google Imagens

Nesses exemplos, de acordo com a orientação da palma da mão, aliada aos demais parâmetros, em cada sinal, é um importante fator para a construção do significado em cada um deles.

Por último, as expressões faciais e/ou não manuais (EF), que, de grosso modo, são as expressões faciais e corporais, se referem aos movimentos dos olhos, da face, da cabeça, do tronco e do corpo, os quais, dentro de um contexto, também comunicam (Baggio, Casa Nova, 2017). Geralmente, o sinal é o mesmo, mudando apenas a expressão facial, muito presente em morfemas flexionais aditivos de grau, em algumas palavras.

Tabela 9: Expressões Faciais



Fonte: Google Imagens

Segundo Baggio-Casa Nova (2017), os sinais da Libras podem ser considerados traços distintivos, como de sonoridade e do ponto de articulação etc., na língua portuguesa. Este parâmetro, também conhecido como expressões não manuais, corresponde a qualquer forma de expressão que não envolva as mãos. Geralmente são utilizados para acrescentar intensidade nos sinais, não alterando os demais parâmetros. A substituição desse parâmetro acarreta na mudança do significado esperado, tendo em vista a função desse morfema para o resultado final desejado.

3.2 LÍNGUAS ORAIS X DE SINAIS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

As línguas de sinais diferem-se, de forma mais acentuada, das línguas faladas por serem de modalidade visual-espacial, portanto, as palavras são denominadas sinais, "uma vez que a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida no espaço pelas mãos, movimentos corporais e pela expressão facial" conforme Pereira, *et al*, (p. 57, 2011). Também se faz importante ressaltar que:

> [...] A diferença básica entre as duas modalidades de língua (sinal X oral) não está, porém, no uso do aparelho fonador ou no uso das mãos no espaço em frente ao corpo, e sim em certas características da organização fonológica das duas modalidades: a linearidade mais explorada nas línguas orais e a simultaneidade, característica básica das línguas de sinais. FERREIRA (2010), *apud* FARIAS; LIMA (p. 13, 2015):

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

Nas línguas orais, os principais processos de formação de novas palavras e os de maior produtividade, são a *derivação* e a *composição.* (SILVA e KOCH, 1994, p. 32). Por outro lado, na Libras, a formação de palavras acontece de forma semelhante, visto que se trata de uma língua natural. Nas línguas visuais/gestuais, têm-se os sinais como correspondentes diretos do que, nas línguas orais, é tido como palavra.

Enquanto as línguas orais têm o processo de formação de palavras por meio de adição, subtração ou substituição de afixos/sufixos/prefixos, na Libras a formação ocorre de acordo com os parâmetros que integram os sinais e, de acordo com Farias; Lima (2015) são: Configuração de Mão (CMs); Ponto de Articulação (PA); Movimento (M); Orientação de mão (O) e a Expressão não-manual (Expressão facial e ou corporal). Portanto, é possível afirmar que os parâmetros expressam os morfemas lexicais, e então, a formação de palavras, bem como o uso delas, acontece na realização dos parâmetros de forma ordenada, dotada de sentido para que formem um sinal. E, com maestria, formam, substituem, e de forma natural, criam um novo sinal.

São, portanto, morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/radical (M), um afixo (alterações em M e CM) e uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número pessoal (DIR) ou de gênero (CM). Contudo, os processos de formação de palavras podem ser realizados através da modificação da raiz, da derivação zero, de processos miméticos e de regras de composição, não sendo necessários o uso de todos ao mesmo tempo para a formação de um sinal, tendo em vista que existem sinais que se alteram com o uso, ou o não uso, de um dos parâmetros citados anteriormente, de acordo com o que expõem Felipe (1993 e 1997), *apud* Farias; Lima (2015).

Acontece também a formação de palavras por meio de Composição, que se dá por meio da junção de palavras através de dois ou mais itens lexicais; a Justaposição ocorre quando dois ou mais sinais se juntam, dando origem a um novo sinal sem alterar suas raízes; e a formação por Derivação se dá pelo processo no qual o sinal se forma a partir do sentido e/ou mesmo da raiz de um ou mais sinais já existentes, segundo Farias; Lima (2015, p. 38-47).

Desse modo, entende-se que os diferentes meios de formação de sinais em Libras são utilizados em conjunto com os parâmetros, sendo estes maleáveis ao ponto de produzirem um novo significado com a alteração mínima de um dos parâmetros, como o (M) usado para adicionar intensidade, ou o (PA) junto com a (CM) para distinguir um verbo de um substantivo, dentre outras combinações que surgiram na história evolutiva da Libras.

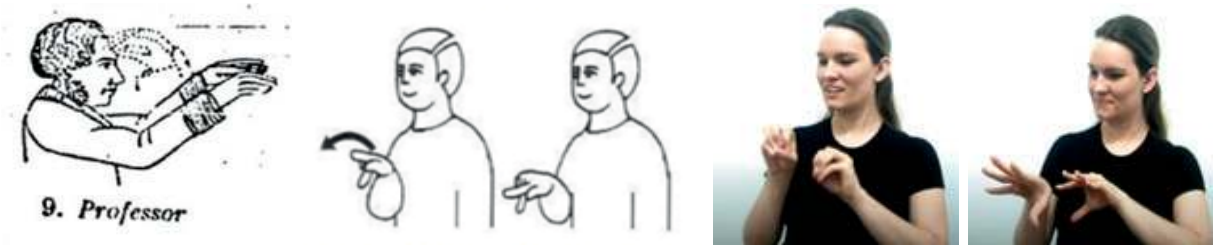
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados aqui discutidos direcionam-nos em duas perspectivas: a primeira, no que diz respeito aos dados históricos identificados e coletados em Gama (1875), apesar de ser o primeiro dicionário ilustrado registrado da Libras no país, não há pretensão de analisá-lo historicamente. E, por último, e a mais importante, é possível identificar, em alguns dos sinais ali representados, a base de um (ou mais de um) radical presente em vocábulos da Libras, atualmente. Assim, isso nos direcionou a comparar esses dados considerando-os quanto ao processo de formação de palavras.

Desse modo, ao relacionarmos esses dados, os sinais identificados em Gama (1875), possivelmente são palavras (sinais) primitivas que deram origem a palavras (sinais) derivadas, tomando como base seus radicais, auxiliando no processo derivacional. E é a partir da relação dessa segunda perspectiva, em que os processos que permeiam a formação/derivação do léxico dessa língua de sinais, que teceremos nossas discussões ao longo desse item.

Antes, porém, precisamos esclarecer que o ponto de partida para tal proposta de análise, evidentemente, se deu ao compararmos alguns sinais atuais com os identificados em Gama (1875). Observemos, os exemplos a seguir:

Imagem 10 – Professor[1] / Professor[2] / Ensinar



Professor[1] – Gama (1875)
Professor[2] – Capovilla;Raphael;Maurício (2012)
Ensinar – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wc6iAk9AcTc

Ao compararmos os sinais PROFESSOR[1] (GAMA, 1875), PROFESSOR[2] (CAPOVILLA, RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012) e ENSINAR (Vídeo 01), verificamos uma mudança/evolução histórica do sinal **professor** nessa língua, embora não seja de nosso interesse investigar esse fato no momento. Contudo, quando fazemos a descrição dos sinais PROFESSOR[1] e ENSINAR parece haver uma possível relação derivacional entre eles, em especial quando tomamos como base os parâmetros: CM, PA e o M; seria esta uma relação, tendo a base de um radical comum entre esses sinais? Ao traçarmos um paralelo, ao descrevermos seus parâmetros, verificamos o seguinte:

Tabela 1: Descrição dos sinais

Sinal	Configuração de Mãos - CM5	Ponto de Articulação - PA	Movimento - M	Orientação - O	Expressão não manual -EF
PROFESSOR[1]	26	Cabeça e Espaço neutro	Simultâneo Fechar/abrir	p/trás p/frente	Não há
ENSINAR	26/ 60	Espaço neutro	Simultâneo Fechar/abrir	p/frente	Não há

Fonte: Elaborado pelos autores.

5 Tabela de Configuração de mãos disponível no Anexo B.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

Ao considerarmos o sinal (ENSINAR) preservando os parâmetros (CM, PA e M) do vocábulo (PROFESSOR[1]), é possível aquele sinal ter derivado deste. Contudo, vale destacar que, até então não há uma discussão desse tipo nos estudos da área da Libras. Partindo dessa afirmação, pretendemos identificar, nos sinais selecionados, tal como abordada nessa hipótese, o radical base partindo do primeiro dicionário. Além disso, ao traçarmos esse dado comparativo, através da descrição dos parâmetros desses sinais, foi possível identificar quais sinais provavelmente originaram-se desses sinais. Então, ao comparar esses dados, houve a predominância dos parâmetros CM, PA e/ou M tanto no primeiro dicionário de Libras quanto nos sinais atuais a eles relacionados.

Como dissemos, partindo daquela hipótese, ou seja, ao estabelecermos a relação entre esses três parâmetros como possível radical base de todo e qualquer sinal na Libras, identificamos que há uma relação entre esses três parâmetros como processo fundamental para a formação/derivação do léxico dessa língua.

5 GAMA (1875) *VERSUS* OS SINAIS IDENTIFICADOS EM OUTROS DICIONÁRIOS

A história das línguas de sinais é perpassada por diversos desafios. Diniz (2010) afirma que após o surgimento do primeiro dicionário que temos conhecimento, o *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos,* foi divulgada uma decisão sobre a educação no que se refere às línguas de sinais da época, a qual dizia respeito à rejeição das línguas de sinais nas escolas de surdos. DINIZ (2010, p. 21).

Para Ignácio Junior (2014), a presença de cognatos referentes à Libras e a outras línguas de sinais, como a ASL e a LSF é clara, de modo que podemos perceber os empréstimos recebidos da LSF. Para comprovar esta hipótese, e cumprindo os objetivos propostos no texto, foram selecionados 12 verbos e 06 substantivos para análise, sendo 4 de Gama (1875), 02 DE Capovilla;Raphael;Mauricio (2012), 04 do vídeo 01 (ano) e 02 de Honora; Frizanco (2009). Além disso, a seleção dos sinais levou em conta especificamente o padrão entre o radical base neles identificados quando comparados com os sinais identificados em Gama (1875). E por os resultados aqui discutidos se tratarem de um recorte de uma pesquisa de iniciação científica, selecionamos, para demonstrar os principais resultados, apenas os sinais dos verbos analisados.

Ao traçamos um paralelo entre os sinais ACHAR (GAMA, 1875), respectivamente, com os sinais PARECER (HONORA; FRIZANCO, 2009); PARECER/SER/PARECIDO (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012) e PARECER (Vídeo 01), identificamos facilmente o padrão estabelecido entre os parâmetros CM, PA e M, vejamos:

Imagem 11: Identificação dos sinais

ACHAR

(GAMA, 1875)



PARECER

(HONORA; FRIZANCO, 2009)



PARECER/ SER PARECIDO
(CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012)



PARECER
(Vídeo 01)



É importante destacar que, as configurações de mãos são essenciais para a representação visual da situação descrita (FARIAS; LIMA, 2015), e nesses exemplos, além da CM em comum, é perceptível os PA, bem como M se fazerem presentes nesses sinais. Assim, esses parâmetros aliados à CM parecem representar o radical base dessas palavras (sinais). Destaque especial para a CM, que realmente parece ser a base de todo sinal (exceto quando sinais faciais), sendo o marcador base para a formação de novos sinais quando relacionados a esses parâmetros, originando significados semelhantes ou iguais, ou seja, atuando no processo de formação/derivação desses sinais, como podemos identificar na tabela a seguir:

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

Tabela 12: Transcrição dos sinais

SINAL	CM	PA	M	O	EF
		Face para Espaço Neutro	Retilíneo	Para trás Para trás Para frente Para trás	Sim

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao descrevermos os sinais representados na tabela 11, verificamos que o (PA), bem como o (M) e a (EF) são os mesmos. A única exceção se deu pelo parâmetro (O), mas não age como fator de eliminação das análises, visto que há a predominância de mais desses três parâmetros. A seguir, mais exemplos que sugerem o mesmo processo de formação de um novo sinal.

Imagem 13: Outros dados identificados

PROCURAR
(GAMA, 1875)



PARECER
(Vídeo 01)



PERCEBER
(CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012)



PERCEBER-TE
(Vídeo 01)



Observemos que os sinais "Procurar"/"Parecer" e , "perceber"/"perceber-te" possuem o mesmo padrão dos parâmetros tidos aqui em nossas discussões como possíveis bases do radical, responsáveis por formar/derivar novos sinais nessa língua. Neles, seus morfemas são similares, ou seja, a CM – 32, o PA – face/espaço neutro e o M sem/retilíneo são essenciais para relacionarmos um padrão em comum nesses sinais. Note-se que os sinais "procurar" e "parecer" não apresentam movimento, entretanto, nos sinais selecionados como possíveis sinais que se originaram a partir de "procurar" (GAMA, 1875), apresentam a mesma CM, PA e/ou O, logo é totalmente possível considerarmos aí o caso de naquele sinal identificado em nosso primeiro dicionário termos o caso de uma palavra (sinal) primitiva que deu origem a novos sinais, derivando destes.

Dessa forma, após analisar os parâmetros estabelecidos e estudados por Farias; Lima (2015), percebe-se que o sinal de "procurar" é considerado como potencial fator de formação ou derivação de sinais que vieram posteriormente, visto que, alguns sinais apresentados anteriormente, mantiveram um ou mais parâmetros na construção da palavra, além de manter um sentindo semelhante ou aproximado da palavra original.

Por meio das evidências aqui apontadas, é possível afirmar que os sinais identificados em Gama (1875) serviram de base, em sua grande maioria, auxiliando, assim, no processo de formação /derivação de novos sinais com ele ou com significado semelhante nessa língua de sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos aqui traçados direcionaram para uma reflexão sobre o processo de derivação/formação do léxico da língua brasileira de sinais. Além disso, por ser considerado como base de dados o próprio vocabulário dessa língua, adotamos uma nova percepção para os estudos direcionados em língua de sinais no país, especialmente porque, boa parte das pesquisas da área costuma considerar, na grande maioria das vezes, apenas traçar paralelos com outras línguas de sinais e/ou mesmo utilizam-se do português sinalizado para comparar com os sinais da Libras.

A relevância desta pesquisa também se dá pela metodologia adotada, ao considerarmos como base de dados exemplos da própria língua, ou seja, ao identificarmos, por meio da descrição dos parâmetros, os elementos que compõem e estruturam o léxico dessa língua. Dessa forma, percebeu-se, com os dados analisados, como o processo de formação desses sinais também se dá de forma semelhante ao que ocorre com as línguas orais. Isto, evidentemente, ao identificar nesses parâmetros um possível radical que permanece, ao longo do tempo, dando origem a outros sinais.

Diante do exposto, entende-se que o material estudado é uma fonte, e que não seria possível limitar a sua importância para o entendimento da Libras como hoje. Além disso, percebe-se a não influência recebida da Língua Portuguesa como está presente neste material, e por isso, afirma-se que as línguas de sinais não se originam das orais. As línguas de sinais têm sua história e léxico próprios, e assim como há um sistema linguístico na Língua Portuguesa, também o há na Libras.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021

REFERÊNCIAS

BAGGIO, Maria A. NOVA, Maria da Graça C. **Libras**. [Livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2017.

BRASIL, Diário Oficial da República Federativa do. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF, 24 ago., 2002.

BRASIL, Diário Oficial da República Federativa do. **Decreto-Lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei n. 10.436/2002, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: 23 de dezembro de 2005.

CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL, Walkíria Duarte & MAURÍCIO, Ana Cristina. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue**: novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira. Vol. 1: sinais de A a H. São Paulo: Inep – Cnpq Capes, Edusp, 2013.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. pp. 141-163. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística** I. Objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

___. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue**: novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira. Vol. 2: sinais de I a Z. São Paulo: Inep – Cnpq Capes, Edusp, 2013.

DINIZ, Heloise Gripp, A História da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010. Disponível em: < http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93667>. Acesso em 10 de jun. 2021.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **A organização dos morfemas livres e presos em LSB:** reflexões preliminares. IN: QUADROS, Ronice Muller de, STUMPF, Marianne Rossi e LEITE, Tarcísio de Arantes. (Orgs.) **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I.** Florianópolis, Insular, 2013.

FARIAS, Francisca Neuza de. e LIMA, Ediane S. **Morfossintaxe da Língua Brasileira**. Teresina: FUESPI, 2015.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**.: volume único. 4. ed. - São Paulo: FTD, 2014.

FERREIRA, Adir Luiz *et al.* **Aprendendo Libras: módulo 2**. – Natal: EDUFRN, 2011.

FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

GAMA, J. F. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Tipographia Universal de E. & H Laemmfrt, 1875, 39 p.

HONORA, Márcia & FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

IGNÁCIO JUNIOR, Ismair. Análise de mudanças morfofonológicas na Língua Brasileira de Sinais em comparação à produção em Língua de Sinais Francesa. 2014. 55 f. Trabalho

de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

INES. [Site institucional]. Disponível em:<http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>. Acesso em: 18 de set. de 2020.

MARKEWICZ, Paula Maria, **CURSO DE LIBRAS – VERBOS**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wc6iAk9AcTc>. Acesso em 18 de set. 2020. 5:14.

PEREIRA, Maria Cristina da C. (org.). CHOI, Daniel, *et al*. **LIBRAS:** Conhecimento além dos sinais. - 1 ed.- São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

QUADROS, Ronice M. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. p. 15-36 In: QUADROS, Ronice Muller de, STUMPF, Marianne Rossi e LEITE, Tarcísio de Arantes. (Orgs.) **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I.** Florianópolis, Insular, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. & KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira:** estudos históricos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

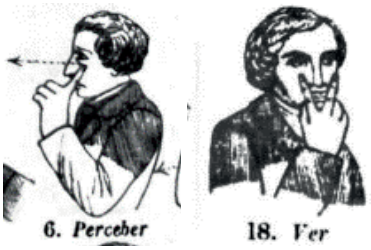
SILVA, Rafael Dias (org.). **Língua Brasileira de Sinais** – LIBRAS. São Paulo: Pearson, 2016.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. **Variação sociolinguística**: estudo de caso na língua brasileira de sinais. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – Nº 31 – 2014 e-ISSN: 1981-4755.

SILVA, Maria Cecília P. de Souza-e-, KOCH, Ingedore Vilaça. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. -18. ed. - São Paul:. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

ANEXO A – OUTROS ACHADOS COM DADOS COMPARATIVOS

(GAMA, 1875)



(PERCEBER) / (VER)



(AGRADECER)



(ÁGUIA)

(Vídeo 1)



(VER) / (PARECER)



(ENTREGAR)



(ARARA AZUL)

Fonte: Elaborado pelos autores

ANEXO B – QUADRO DE CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (CM)



Fonte: Ferreira *et al* (2011).

RECEBIDO: 05/07/2021
ACEITO: 16/03/2022

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 171 – 190 | set/dez 2021